Mulheres gordas: gordofobia, violências e (Re) existências[1]

Mujeres gordas: gordofobia, violencia y (Re)existencias // Fat women: fatphobia, violence and (Re)existence

Maria Luisa Jimenez Jimenez[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
malujjimenez@ufrj.br
Marcelle Jacinto Silva[3]
Universidade Federal do Ceará. Rua Taquatiara
marcelle.silva.cs@gmail.com

Revista Corpo-grafías: Estudios Críticos de y desde los Cuerpos / volumen 9 - número 9 / enero-diciembre del 2022 / ISSN impreso 2390-0288, ISSN digital 2590-9398 / Bogotá, D.C., Colombia / 149.

Cómo citar este artículo: Jimenez Jimenez, M., Jacinto Silva, M (2022, enero-diciembre). Mulheres gordas: gordofobia, violên-cias e (Re)existências. *Revista Corpo-grafías: Estudios Críticos de y desde los Cuerpos, 9*(9), pp. 149-161.ISSN 2390-0288

CC BY NC SA

Fecha de recepción: 14 de septiembre de 2021
Fecha de aceptación: 15 de mayo de 2022

Doi: https://doi.org/10.14483/25909398.20255

1 **Artigo Investigação:** Nossa produção textual apresenta os principais resultados de pesquisas realizadas pelas autoras em que realizam uma reflexão sobre a gordofobia como violência ética (Butler, 2019) que se trata de um desdobramento de pesquisas desenvolvidas no âmbito de um doutorado e um pós-doutorado, articulando os estudos transdisciplinares do corpo gordo no Brasil, a uma análise bibliográfica crítica sobre autonomia, medicalização, gênero e interseccionalidades.

2 Graduada em Filosofia- Universidade Paulista Júlio de Mesquita- UNESP. Homologação do título em Filosofia, pela Universidad de Granada- ULG, Espanha. Mestrado e Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT. Professora Doutora Pesquisadora, Artivista Feminista, defendeu a tese intitulada "lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos", lançada como livro em 2020, primeira edição esgotada. Propõe uma FILOSOFIA GORDA, como proposta de mudança de paradigma sobre corporalidades dissidentes gordes, e revisão epistemológica do discurso soberano de saúde, em uma perspectiva decolonial, *cuirs*. Fundadora do PESQUISA GORDA, grupo de estudos transdisciplinares sobre corporalidades gordas no Brasil. Tem experiência nas áreas de Estudos de Cultura Contemporânea, Filosofia, Antropologia Cultural, Sociologia, Metodologia Científica, Educação e Feminismos. Idealizadora do Projeto Ação lute como uma gorda. Pesquisa principalmente: gordofobia, corpo gordo feminino, autoetnografia, escritas afectivas, netnografia, epistemologias do sul, filosofia da ciência, estudos culturais, decolonialidade, novíssimos ativismos, cotidianos, consumo, novos feminismos, saberes subalternos, ativismo gordo, corpos e prazeres dissidentes.

3 Professora no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Rua Taquatiara. Bacharela em Ciências Sociais (2012), mestra (2015) e doutora em Sociologia (2019) e possui pós-doutorado em Psicologia (2021), ambos pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora adjunta do Núcleo de Pesquisas sobre Gênero, Sexualidade e Subjetividade (NUSS), vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFC; pesquisadora do Paralaxe - Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica, vinculado ao Departamento de Psicologia da UFC; uma das coordenadoras do Pesquisa Gorda - Grupo de Estudos Transdisciplinares de Corporalidades Gordas no Brasil e ministrante do curso de extensão "Estudos Interseccionais em Psicologia Social Crítica: raça, gênero e classe", promovido pelo Paralaxe em parceria com a Pró-reitoria de Extensão da UFC. Campo de estudos: estudos de gênero, sexualidade, sociologia e antropologia do corpo, mídias e ativismos digitais, feminismos, métodos de pesquisa, estudos do corpo gordo e escrita acadêmica.

Resumo

Gordofobia é um estigma que estrutura nossa sociedade cisheteronormativa. Pessoas gordas sofrem muitas violências, desde suas infâncias, por não estarem dentro do que se entende por "corporalidades saudáveis" na concepção dos saberes médicos colonialistas. Mulheres gordas acabam sofrendo mais, porque dentro dessa lógica, somos lidas como corpos abjetos e vivenciamos violências institucionalizadas por discursos soberanos de poder biomédico. Propomos, nesse sentido, uma reflexão sobre a gordofobia como violência ética (Butler, 2019) que se trata de um desdobramento de pesquisas desenvolvidas no âmbito de um doutorado e um pós-doutorado, articulando os estudos transdisciplinares do corpo gordo no Brasil, a uma análise bibliográfica crítica sobre autonomia, medicalização, gênero e interseccionalidades. A reflexão passará por entender a gordofobia na concepção do que é ter um corpo com saúde, enquadrando-a enquanto uma violência médica em paralelo à processos de (re)existências e ressignificação de dores que visam promover uma vida mais autônoma e alegre.

Palavras-chave

Mulheres gordas; gordofobia; saúde; violência ética; (re)existências; decolonialidade

Resumen

La gordofobia es un estigma que estructura nuestra sociedad cisheteronormativa. Los gordos sufren mucha violencia, desde su niñez, por no estar dentro de lo que se entiende por "corporeidades sanas" en la concepción del saber médico colonialista. Las mujeres gordas sufren más, porque dentro de esta lógica, se nos lee como cuerpos abyectos y vivimos la violencia institucionalizada por los discursos soberanos del poder biomédico. En este sentido, proponemos una reflexión sobre la gordofobia como violencia ética (Butler, 2019), que es un despliegue de la investigación desarrollada en el contexto de un doctorado y un posdoctorado, articulando los estudios transdisciplinarios del cuerpo gordo en Brasil, con un análisis bibliográfico crítico sobre autonomía, medicalización, género e interseccionalidad. La reflexión pasará por entender la gordofobia en la concepción de lo que significa tener un cuerpo sano, enmarcándolo como una violencia médica en paralelo a procesos de (re)existencia y resignificación de los dolores que aspiran a promover una vida más autónoma y alegre.

Palabras clave

Mujeres gordas; gordofobia; salud; violencia ética; (re)existencias; decolonialidad

Abstract

Fat phobia is a stigma that structures our cisheteronormative society. Fat people suffer a lot of violence, since their childhood, for not being within what is understood by "healthy corporealities" in the conception of colonialist medical knowledge. Fat women suffer more, because in this logic, we are read as abject bodies and experience violence institutionalized by sovereign discourses of biomedical power. In this sense, we propose a reflection on fatphobia as ethical violence (Butler, 2019), which is an offshoot of research developed in the context of a doctorate and a post-doctorate, articulating the transdisciplinary studies of the fat body in Brazil, to a critical bibliographic analysis on autonomy, medi-

calization, gender and intersectionality. The reflection proposes that the fatphobia in the conception of what is a healthy body, framing it as a medical violence in parallel to the processes of (re)existence and re-signification of pain that aim to promote a more autonomous and joyful life.

Keywords
Fat women; fatphobia; health; ethical violence; (re)

Introdução

De acordo com Sudo e Luz (2007, p. 1035), vivemos em uma "ditadura da magreza" onde a mulher é mais atingida do que os homens, já que o corpo feminino "de alguma maneira, sempre esteve ligado a padrões de beleza" (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 1). As mulheres são, de fato, as "personagens principais em publicidades que exibiam a vergonha de ser gorda" (Sant'Anna, 2016, p. 73), destinando ao corpo gordo uma posição de "fardo estético", "especialmente para as jovens em busca de namoro e casamento" (Sant'Anna, 2016, p. 74), tendo em vista a expectativa social voltada para o corpo feminino.

Preciado (2018) nomeia a cultura ocidental contemporânea em que vivemos de "era farmacopornográfica", partindo das formas como o "biocapitalismo farmacopornográfico" (Preciado, 2018, p. 38) nos afeta individual e coletivamente, através da fabricação, gestão e promoção dos corpos "carnais e digitais" em escala global. O corpo, sempre "farmacopornográfico", conforme nos diz Preciado (2018), é entendido enquanto uma construção sociocultural que está no centro desse debate, em constante e ininterrupta vigilância, realidade esta que se instala a partir da Segunda Guerra Mundial, época que, de acordo com o autor, inaugura um novo "regime pós-industrial, global e midiático" que coloca em ação "processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô)" (Preciado, 2018, p. 36) de controle "biomidiático" da subjetividade.

O "biocapitalismo farmacopornográfico" descortinado por Preciado (2018, p. 54) desenvolve seu controle "molecular e da produção de conexões virtuais audiovisuais", e os dois principais pilares identificados por ele em sua análise são a indústria farmacêutica e a indústria audiovisual. A indústria do embelezamento, analisada por Sant'anna (2014, p. 75) faz parte disso, especialmente no que se refere aos "progressos nos âmbitos cirúrgico e estético", os quais "reforçaram a ideia de que, com eles, qualquer um pode se adaptar ao mundo contemporâneo, melhorar a relação consigo e com os outros e, ainda, escapar ao fracasso, ao abandono e à solidão".

As histórias de muitas mulheres gordas que sempre lutaram contra a balança, passam, necessariamente por ações em busca de soluções milagrosas incentivadas pelas mídias, internet, família e por profissionais de saúde. Jejum intermitente, dieta do abacaxi, dieta da laranja, dieta vegana estrita, dieta do ovo, dieta Atkins ou *low carb*, dieta da sopa, pílula do emagrecimento e etc. São muitas as propostas de dietas que entram na moda com o compromisso de "secar" as pessoas. Sob apoio de muitos nutricionistas e rejeição de outros, cada vez mais, encontramos pessoas em regimes restritivos com o objetivo de emagrecer e de manter um corpo que, de acordo com essa concepção, seria mais saudável.

O fenômeno da procura pelo corpo desejável e aceito socialmente, isto é, magro e de preferência "sarado", é objeto de estudo de muitos pesquisadores sociais citados aqui, e é comum surgir, nesta discussão contemporânea, a ideia de que o do indivíduo moderno busca por um corpo que defina seu ser, visto que, conforme a mentalidade atual, um corpo "trabalhado" na academia, por exemplo, pode definir que somos saudáveis, belos, ativos e felizes.

> Há um padrão despótico de beleza. A beleza do corpo, especialmente o feminino, é regulamentada por uma norma rígida e única: a magreza. Não existe alternativa legítima a esse modelo. Impossível realmente imaginar uma pin-up, uma estrela, uma top model, enfim, que não corresponda ao imperativo da magreza absoluta. É o modelo da hipermagreza. A moda tornou-se mais tolerante. A beleza, ao contrário, tornou-se mais despótica, autoritária e inflexível. A proliferação de imagens – cinema, televisão, fotos, publicidade – reforça o modelo dominante e castiga qualquer divergência. A consequência disso é a hiperdimensão tomada pelas dietas, pelas academias de ginástica e pelas cirurgias plásticas. Ser magro é um imperativo categórico. Toda infração à norma é malvista e criticada. (Lipovetsky, 2016, p. 12)

Conforme essa dinâmica social, vale tudo para alcançar esse corpo construído continuamente como aquele que é sinônimo de felicidade, beleza, saúde. Conquistar esse corpo magro, enaltecido socialmente, é um tipo de *status* e, para lograr essa conquista, como um prêmio, vale qualquer coisa.

Sudo e Luz (2007, p. 1034) argumentaram que em "nenhuma época o corpo magro e esbelto esteve tão em evidência como nos dias atuais", no sentido de ser o tipo de estética corporal mais valorizada, mas essa não é uma exclusividade da sociedade contemporânea "digital, digitalizada e em rede" (Recuero, 2014, p. 219). Antes do surgimento da internet, o "ser gordo passa a ser encarado como um indivíduo que carrega um 'estigma'" (Sudo; Luz, 2007, p. 1036), um sinal corporal que já despertava a curiosidade das pessoas, que suscitava o riso, que remetia ao pecado da gula e, consequentemente, à desaprovação diante do olhar do outro (Silva, 2020). No entanto, nem sempre foi assim, tendo em vista que, conforme nos conta Sant'Anna (2016, p. 35-37), as "receitas elaboradas para engordar" e as "dietas de engorda" antecedem as dietas e regimes para emagrecer.

Na segunda metade do século XX, "Uma profusão de fórmulas para emagrecer tomou conta dos meios de comunicação de massa de maneira espetacular" (Sant'Anna, 2016, p. 123), acompanhada da "aparente liberação dos corpos, sugerida por sua atual onipresença na publicidade, na mídia e nas interações cotidianas" (Goldenberg; Ramos, 2007, p. 25), sua exposição cada vez maior e também o seu cada vez maior constrangimento às normas sociais e culturais. Dessa forma, com a ampla e assídua divulgação dos "problemas do sobrepeso e da obesidade" na mídia, "o medo de engordar generalizou-se. Transformado em sentimento necessário para garantir a saúde, o dito medo afirmou-se, primeiro, como uma demonstração legítima e normal de amor-próprio e, logo a seguir, como uma prova de autoestima" (Sant'Anna, 2016, p. 112).

Giddens (2001) aponta que os regimes são importantes nas construções de autoidentidade, porque relacionam hábitos a alguns aspectos da aparência física visíveis e admirados pela sociedade e que afetam diretamente a forma do corpo. Assim, pode ser compreendido como e por que nossa imagem corporal é um espelho do que somos socialmente. Nosso corpo é considerado um portfólio de apresentação, define quem somos ao outro que, por sua vez, julga e constrói o que somos através do que vê. Sendo assim, emagrecer é um imperativo central na vida da maioria das mulheres, com motivação estética e parte do discurso vigente de saúde. Se mulheres magras sofrem essa pressão pelo corpo "perfeito", magro e sarado, imaginem a gorda que, além de não alcançar o protótipo de corpo belo e sano, também representa o fracasso, a doença dentro dessa concepção de que só é possível ser feliz e saudável quando possuímos um corpo magro.

Dentro desse cenário, propomos pensar como a gordofobia aparece no discurso de saúde na sociedade contemporânea, e como essa concepção de corpo gordo doente é violenta. O texto propõe uma análise sobre gordofobia como violência ética, conceito desenvolvido por Judith Butler (2019), em diálogo com uma análise bibliográfica crítica sobre autonomia, medicalização, gênero e interseccionalidades. A reflexão passará por entender a gordofobia na concepção do que é ter um corpo com saúde, enquadrando-a enquanto uma violência médica em paralelo à processos de (re)existências e ressignificação de dores que visam promover uma vida mais autônoma e alegre.

Gordofobia no discurso de saúde: violência ética

A gordofobia é um preconceito com pessoas gordas, e essa discriminação leva a exclusão social, portanto, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos sociais na sociedade contemporânea (Jimenez-Jimenez, 2020). Esse prejulgamento acontece com a desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensas e restrições aos corpos gordos de modo geral, levando a perda de direitos porque patologiza todos os corpos gordos.

Por estar em todos os lugares (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 3), esse preconceito possui várias definições que, em geral, apontam para problemáticas afins. Podemos entendê-la como a discriminação contra pessoas gordas, isto é, um tipo de discriminação baseada no tamanho, formato e peso da pessoa "na concretude do seu próprio corpo" (Arruda, 2019). Trata-se de um fenômeno social complexo que é, muitas vezes, "disfarçada de preocupação com a saúde, dificultando, dessa forma, seu entendimento e embate" (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 3), produzindo múltiplos desdobramentos, dentre eles uma série de questões emocionais e psicológicas.

Esse tipo de discriminação "traduz-se em desigualdades em ambientes de trabalho, instituições de saúde e de ensino, muitas vezes devido à generalização de estereótipos negativos de que pessoas com sobrepeso e obesidade são preguiçosas, desmotivadas, indisciplinadas, menos competentes e desleixadas" (Silva; Cantisani, 2018, p. 372) ou ainda, que a pessoa só permanece "gorda por falta de

vergonha na cara" (Sudo; Luz, 2007, p. 1034). Então, se a pessoa gorda, sabendo que seu corpo representa uma anormalidade (e a mídia não deixa que ela se esqueça disso), resolve continuar gorda, essa pessoa é julgada, culpabilizada e responsabilizada por permanecer "anormal".

> Num contexto contemporâneo, distúrbios alimentares, dependência química, transtornos psicológicos e depressão podem ser diretamente relacionados às consequências da gordofobia e que, em decorrência disso, podem levar ao suicídio. No contexto comunicacional, o apagamento do corpo gera consequências dramáticas não apenas para quem sofre com a gordofobia, mas para a sociedade como um todo. (Arruda, 2019, p. 18)

A Associação Médica Americana (AMA) inseriu oficialmente a "obesidade", em 2013, no campo da doença e, no mesmo ano, ela entrou no Código Internacional de Doenças (CID), o que gerou um acalorado debate envolvendo médicos (as), ativistas e pesquisadores (as). O critério para definição da obesidade não é o peso da pessoa, mas sim o Índice de Massa Corporal (IMC) em consonância com exames específicos. De acordo com Sant'Anna (2016, p. 146-147), obesa é uma pessoa com um IMC acima de 30, mas um IMC considerado alto, no entanto, não significa que uma pessoa obesa irá necessariamente adoecer (Gomes, 2019). De acordo com Silva e Cantisani (2018, p. 365):

> Nas perspectivas hegemônicas de saúde, a obesidade e seus desdobramentos vêm sendo estudados há algumas décadas. No campo da Nutrição, ela é apontada não só como uma patologia – definida como um acúmulo excessivo ou anormal de gordura no tecido adiposo – mas como importante fator de risco para outras doenças. Apesar disso, carecemos de estudos que se aprofundem na avaliação da abordagem terapêutica da obesidade e seus efeitos. Desde antes de a obesidade entrar para o rol das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), deixando para trás a preocupação com as carências nutricionais e a fome, a ciência da Nutrição reproduz o pensamento biomédico. A patologização do corpo gordo, enquanto algo a ser estudado, tratado e prevenido, teve início no período chamado de Transição Epidemiológica – entre a década de 1940 e início dos anos 2000, quando ocorreu a transformação das causas de mortalidade.

A visão que se tem de qualquer pessoa gorda não importando suas subjetividades, histórias, cultura, hábitos porque já se tem um pré diagnóstico daquele corpo gordo como doente. Colocar/entender/tratar todas as pessoas gordas como doentes é GORDOFOBIA porque reforça o preconceito/estigma, reforçando estereótipos que acabam estabelecendo situações degradantes, constrangedoras, marginalizando a pessoa gorda e a excluindo socialmente. Esses comportamentos acontecem na família, escola, trabalho, mídias, hospitais e consultórios, balada, transporte, praias, academias, piscinas, redes sociais, internet, espaços públicos e privados, etc.

Sendo assim, podemos inferir que a gordofobia é uma violência porque tira o direito da pessoa gor-

da a ter dignidade e viver sua vida como qualquer outra pessoa estando ou não com alguma doença, dificuldade, dor. Além de negar a acessibilidade a esses corpos de ir e vir como o transporte público, cadeiras, aparelhos médicos, etc...

A gordofobia é violência porque culpabiliza, inferioriza, menospreza o que as pessoas gordas têm a falar sobre si mesmas, é como se a gente não tivesse capacidade para falar sobre nossas histórias, dores, etc. Além de ser um pré-conceito difícil de entender/detectar já que vem sempre disfarçado de amor, cuidado, saúde e preocupação...

Pensando na ideia de violência ética de Judith Butler (2019), na qual pensa numa perspectiva de uma luta contínua para que vidas sejam reconhecidas mesmo quando os corpos não se encaixam naquilo que deveriam ser. Quais vidas são viáveis, valorizadas e dignas de serem vividas?

Butler (2019) percebe essa ética posta sobre as corporalidades uma forma de violência, retoma a discussão filosófica sobre reconhecimento, já que existem corporalidades que dentro de um enquadramento de abjetos não acessam a ele. Para a filósofa as pessoas que estão fora da normatividade nem chegam a alcançar condições de um possível reconhecimento, já que esses corpos "anormais" não têm o direito à vida, pois questiona quais valores de uma vida são condições para que uma pessoa possa ser reconhecida, e por tanto a garantia de sua vida pelo Estado, pelas instituições, pela saúde?

Butler (2019) propõe pensar as exigências e cânones normativos que impõem universalmente a todos, e aqueles que não correspondem ao modelo de heteronormatividade está sujeito a algum tipo de violência ética na sociedade contemporânea. Segundo a autora: "(...) não só retira o individual do mundo como também destrói a base do envolvimento moral com o mundo. " (Butler, 2019, p. 138).

A violência ética consiste no apagamento, na invisibilidade das subjetividades existentes, desde as exigências de normatividade, coerência, protótipos únicos e autodomínio. Isto é, da ignorância da precariedade do sujeito em relatar a si mesmo.

Assim podemos inferir que quando é tirado da pessoa gorda sua autonomia nas escolhas de sua vida, ou o direito a que sejam garantidos seus direitos, da mesma forma com outras dissidências, esse direito é negado dentro dessa ética que normaliza corporeidades e pune aquelas que não se encaixam socialmente.

(Re)existências Gordas

> Todo dia uma mulher gorda é xingada na rua. Todo dia uma mulher gorda é mal atendida por um médico. Todo dia uma mulher gorda ouve uma mulher magra dizer que está gorda (e que isso é a coisa mais terrível que pode acontecer em sua vida). Todo dia uma mulher gorda é olhada com desprezo numa academia. Todo dia uma mulher gorda é julgada num restaurante. Todo dia uma mulher gorda é escondida pelo seu namorado (que sente vergonha de amar uma mulher fora dos padrões). Todo dia uma mulher gorda é rejeitada numa entrevista de emprego. Todo dia uma mulher gorda quebra

> uma cadeira (feita pra pessoas magras). Todo dia uma mulher gorda escuta que ela é bonita, mas apenas de rosto. Todo dia uma mulher gorda é classificada como uma pessoa sem vida sexual. Todo dia uma mulher gorda causa espanto por ser feliz. Todo dia é dia de resistência. (Vieira, 2016, p.)

Depois de entender que os corpos aqui apresentados, percebidos como aqueles que trazem marcas de suas experiências, de sua história e de sua relação com o outro, também podem construir uma ressignificação desse corpo odiado e temido num primeiro momento, eles são transformados em instrumento na reconstrução de subjetividades, fora da construção normatizada dentro do sistema.

Essas corpas gordas que foram excluídas, maltratadas, humilhadas e que, em muitos momentos, acreditavam ter perdido o direito de viver, em algum momento, pela internet ou presencialmente, se reconectam consigo mesmas e se propõem à reconstrução de uma nova maneira de se enxergar e se posicionar no mundo.

A internet permite agregar pessoas que lutam pela mesma causa e pensam da mesma maneira, e que, antes, estavam isoladas. Lemos (2002, pp. 90-91) afirma que a cibercultura é o resultado de uma reunificação da ciência com a cultura, e vice-versa. As tecnologias de comunicação contemporâneas promovem a cibercultura porque potencializam, ao invés de inibir, as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, conseguindo, assim, uma ordem social organizada, para a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma:

> Cibercultura é a relação entre a técnica e a vida social, criada a partir da associação da cultura contemporânea com as tecnologias digitais, sendo uma realidade social planetária, caracterizada pela formação de uma conectividade telemática generalizada, que amplia assim as possibilidades comunicativas e promove agregações sociais. (Lemos, 2007, p. 87)

Essas agregações se transformam em redes de contatos que talvez melhor se adequassem na perspectiva de "tribos" urbanas, de Michel Maffesoli (1997), caracterizadas pela fluidez, ajuntamentos pontuais e pela dispersão:

> [...] o indivíduo não é mais uma entidade estável provida de identidade intangível e capaz de fazer sua própria história, antes de se associar com outros indivíduos, autônomos, para fazer a História do mundo. Movido por uma pulsão gregária é, também, o protagonista de uma ambiência afetual que o faz aderir, *participar* magicamente desses pequenos conjuntos escorregadios que propus chamar de tribos (Maffesoli, 1997, p. 67)

Manuel Castells (1999), em *Sociedade em rede*, observa que

> [...] as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal, (Castells, 1999, p. 79)

Seguindo esse raciocínio, a gordofobia como ativismo faz parte do coletivo, no qual indivíduos descontentes com a estigmatização institucional e estrutural acabam se encontrando, se organizando e começam a questionar a repulsa e a falta de humanidade lançadas aos corpos gordos na sociedade contemporânea:

> A ação política é uma dupla criação que acolhe simultaneamente a nova distribuição de possibilidades e trabalha por sua efetuação nas instituições, nos agenciamentos coletivos "correspondentes à nova subjetividade" que se expressa através e no acontecimento. A efetuação de possíveis é, ao mesmo tempo, um processo imprevisível, aberto e arriscado. (Lazzarato, 2006, p. 20)

A internet funciona como um catalisador do processo de organização, que está constantemente em mudança, se aprimorando, uma vez que as ferramentas estão sempre em desenvolvimento em razão das necessidades de seus usuários na rede. É por meio delas que os indivíduos promoverão o acontecimento político e poderão ser transformados: interagindo, produzindo, editando, recebendo e compartilhando informações pré e pós-atuação. Se tratam, portanto, do que Recuero (2014) chama de "conversação em rede", o qual se trata de um fenômeno contemporâneo que surge dos "milhares de atores interconectados que dividem, negociam e constroem contextos coletivos de interação, trocam e difundem informações, criam laços e estabelecem redes sociais" (Recuero, 2014, p. 19), criando, assim, novos impactos na vida individual e coletiva, proporcionando "novas formas de trocas sociais que constroem conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos" (Recuero, 2014, p. 121).

Esses contatos virtualmente concebidos se materializam em salas, coletivos e encontros nas cidades, já que são dois espaços — virtual e físico — de sociabilidade que se complementam, formando um circuito de fluxos comunicacionais intensos, uma rede, ao mesmo tempo, virtual e real.

> Soy Activista de la gordura: Creo firmemente que todos los días, en lo cotidiano, se puede lograr un nuevo espacio para los cuerpos diversos. Hay muchas realidades que pasan desapercibidas cuando se tiene un cuerpo hegemónico, y vivir siendo gorda interpela a la gente. En eso, todas las gordas somos activistas porque vivimos siendo como somos, sin pedir permiso. […] Cuando empecé a hablar sobre ser gorda desde un lugar de aceptación, mucha gente empezó a responder. Lo hice en redes sociales, pero no para lucirme o para enfrentar algo; tengo 32 años y todos los demonios y santos posibles relacionados con la imagen y la auto percepción ya los enfrenté. Pero tengo una hija de 12 años y sentí miedo y también responsabilidad. Cuando a los 13 o 14 años me veía gorda y me sentía indeseable, no era por mi cuerpo -que ahora veo a la distancia y era un cuerpo de una chica un poco alta de espalda ancha que no hacía mucho ejercicio-. Era por cómo me hicieron sentir en diferentes lugares. (Ana, 2016)

Os corpos que resistem a serem padronizados como

magros, belos e saudáveis, etiquetados e colocados à mostra como o ideal a ser seguido, de alguma maneira são revolucionários, pois resistem ao que se obriga ser e, ao contrário de se sentirem mal por não estarem dentro do padrão, aceitam a si próprios, como quebra de uma ideia preconcebida do que é ser belo, feminino, feliz e saudável no mundo capitalista.

Muitas dessas mulheres que pararam de lutar contra a balança, regimes absurdos, academias, plásticas e espelhos agora aceitam seus corpos como são e fazem dele uma luta, são corpos políticos, corpos criativos. Mulheres mais felizes, que buscam seu lugar no mundo como são e não como a sociedade impõe que sejam:

> Sí, creo que el cuerpo gordo que es consciente de sí mismo y lo que representa en esta sociedad patologizante y se quiere (o intenta entenderse un poco) es necesariamente un cuerpo activista. Creo que la gordura es una cuestión súper política, creo que todo requiere el doble de esfuerzo, creo que la obsesión con el modelo de belleza flaco y atlético tiene mucho que ver con una obediencia a la industria de la belleza. (Jael, 2016)

Dessa maneira, o corpo que acontece, o corpo gordo assumido, pode ser considerado um corpo político, ou corpos políticos, já que é o corpo indesejado, provocativo, inadequado, que subverte a lógica estabelecida e invoca a resistência nos espaços que ocupa. Nesse sentido, o corpo gordo da mulher é um corpo político.
Esses corpos alegres com o que são incentivam outras mulheres gordas ou fora dos padrões a gostarem de seus corpos também, independentemente do que o padrão atual considera como belo e saudável.

Nunca se exigiram tantas provas de submissão às normas estéticas, modificações corporais para feminizar um corpo. A partir dessas exigências, tem surgido uma resistência feminina em não aceitar e a quebrar essas normatizações corporais. O que se percebe são mulheres que sofreram com seus corpos, que não fazem parte desse padrão estético feminino e conseguiram se libertar dessas exigências sociais.

Por meio de conversas, leituras, movimentos feministas, mulheres começaram a entender que toda essa normatização do corpo magro é uma opressão e todas sofrem com a busca de algo que nunca poderia ser alcançado. Mais ainda, a luta central e indignação política do ativismo gordo diz respeito a espaços extremamente pequenos para corpos que não cabem neles.

E se somos a maioria, se a sociedade tem aumentado de tamanho, por que os espaços têm diminuído? Qual relação esse paradigma tem com o sistema capitalista? Como Lipovetsky (2016) explica, a sociedade contemporânea segue rumo a uma civilização sem peso, em que a leveza e o pequeno são relacionados ao melhor, bom e saudável.

A partir dessas reflexões começaram a surgir inúmeros movimentos de mulheres que acreditavam que seus corpos não deveriam ser padronizados e que, ao invés de sofrerem, buscaram a aceitação e

transformaram seus corpos em corpos políticos, revolucionários e felizes.

Como já dito, Michel Foucault (1997) esclarece que o corpo foi descoberto como objeto e alvo do poder. Ele ganha atenção quando é percebido como algo manipulado, modelado, treinado e obediente.

Apesar de toda essa cobrança institucional sobre corpos normatizados, existem mulheres do mundo todo lutando em sentido contrário aos interesses empresariais de impérios como *light e diet*, cosméticos, academias etc. Elas propõem a criação de outro modo de ser e estar no mundo, outras sociabilidades, outras corporalidades, buscando o empoderamento de seus modos de ser, que estão fora dos padrões, libertando-se da opressão estética da subjetividade capitalística.

Considerações finais

Vivemos uma era farmacopornográfica que é, por isso mesmo, uma "era toxicopornográfica" (Preciado, 2018, p. 56), que associa saúde com beleza e feiura com doença. Nessa era, nós nos intoxicamos com substâncias e imagens, com histórias e emoções; e devemos controlar qualquer tipo de excesso, conter qualquer exagero: de peso, de gordura, de emoção.

Esse corpo sempre farmacopornográfico, se "torna coletivamente desejável graças à sua gestão farmacopornográfica e sua promoção audiovisual" (Preciado, 2018, p. 56), como podemos perceber em nossas perambulações diárias nas redes sociais. Nessa lógica, a autossatisfação das pessoas não é uma prioridade, portanto, é preciso fabricar inadequação, padrões que deixem pessoas de fora, imagens que cause repulsa e vergonha, para que as pessoas busquem aprimorar seus corpos, suas personalidades, para que se sintam aceitos na sociedade, caso contrário, serão marginalizados.

Butler (2019) propõe uma reflexão sobre a violência ética que acontece quando um *éthos* coletivo vai se tornando obsoleto, anacrônico. Isto é, o coletivo não é entendido, respeitado e visto, como vivências subjetivas, dentro de um conjunto práticas e pensamentos e culturas diversas. Essa violência, por meio da imposição tenta colocar as subjetividades num lugar comum, único de reprodução do normativo-cishetero.

Quais as condições para que uma pessoa, um corpo seja reconhecido? Escutado? Levado em consideração? Para a filósofa, a ética estaria no reconhecimento do outro enquanto diverso, diferente daquilo que se normatiza como único sem o ser. Não deveria existir nenhuma exigência para que o diferente se enquadre ao que é normativo socialmente. Ou seja, dar-se-ia acontecer um acolhimento ao "diverso" e não uma exclusão ao que não entra nas caixinhas que criamos dentro de uma perspectiva dualista de certo e errado, normal e anormal, saudável e doente.

Essa leitura em encontro aos estudos do Corpo Gordo nos faz refletir nas exigências e imposições que reincidem sobre todas as pessoas que não correspondem aos modelos normativos de corporeidades, isto é, quais são as condições que as corporeidades gordas como corpos abjetos sofrem com a violência ética na família, escola, consultório médico, universidade, mídia, etc.

Em “O perigo da história única”, Chimamanda Ngozi Adichie (2019) fala sobre como a história única “cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (Adichie, 2019, p. 26). Faz sentido dialogar essa proposta da autora com a questão da gordofobia porque, conforme Sant’Anna (2016, p. 144), a representação hegemônica e institucionalmente aceita sobre pessoas gordas evoca uma ideia particular sobre essa população, “Como se, ao ver um deles, independente de seu sexo e de sua personalidade, fosse possível adivinhar como são todos os outros” (Sant’Anna, 2016, p. 144). E essa é uma elaboração sociocultural arbitrária, que “rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos” (Adichie, 2019, pp. 27-28).

O diagnóstico de obesidade enquanto enquadramento único e hegemônico de corpos gordos, seria, nesse sentido, a história única das pessoas gordas. De acordo com Adichie (2019), ao falarmos sobre a história única de alguém ou de um grupo de pessoas, estamos falando sobre poder, o poder de falar sobre si e sobre os outros, tendo em vista que, poder “é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (Adiechie, 2019, p. 23). Um dos objetivos reivindicados pelo ativismo gordo, uma das formas de resistência em expansão que temos acompanhado, é o rompimento com essa história única sobre o corpo gordo, através da retomada do poder de fala das pessoas gordas sobre suas narrativas, corpos e experiências.

Referências

Adichie, C. N. (2019). *O perigo da história única*. (1. ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Arruda, A. de S. (2019). *O peso e a mídia*: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade. Tese (Doutorado em Comunicação). – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista – UNIP, São Paulo.

Butler, J. (2019). *Relatar a si mesmo*. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica.

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*: a era da informação: economia, sociedade e cultura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Foucault, M. (1997). *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes.

Giddens, A. (2001). *Modernidade e identidade pessoal*. Lisboa: Celta.

Goldenberg, M.; Ramos, M. S. (2007). A civilização das formas: o corpo como valor. In: Goldenberg, M. (Org.) *Nu e vestido*: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. (2. ed.). Rio de Janeiro: Record.

Gomes, C. (2019). Gordofobia médica: como o preconceito na saúde afeta pacientes gordas. *Claudia,* São Paulo. *En línea*: «https://claudia.abril.com.br/saude/gordofobia-medica-como-o-preconceito-na-saude-afeta-pacientes-gordas/».

Jimenez-Jimenez, M. L. (2020). *Lute como uma gorda*: gordofobia, resistências e ativismos. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO) - Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, MT, Brasil.

Lazzarato, M. (2006). *As revoluções do capitalismo*: A

política no império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lemos, A. (2007). *Cibercultura*: tecnologia e vida social. Porto Alegre: Salinas.
Lipovetsky, G. (2016). *Da leveza*: rumo a uma civilização sem peso. São Paulo: Manoele.

Maffesolli, M. (1997). *A transfiguração do político:* tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina.

Preciado, P. B. (2018). *Testo Junkie*. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições.

Recuero, R. (2014). *A conversação em rede*: Comunicação Mediada pelo Computador e Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina.

Sant'anna, D. B. de. (2014). *História da beleza no Brasil.* São Paulo: Contexto.

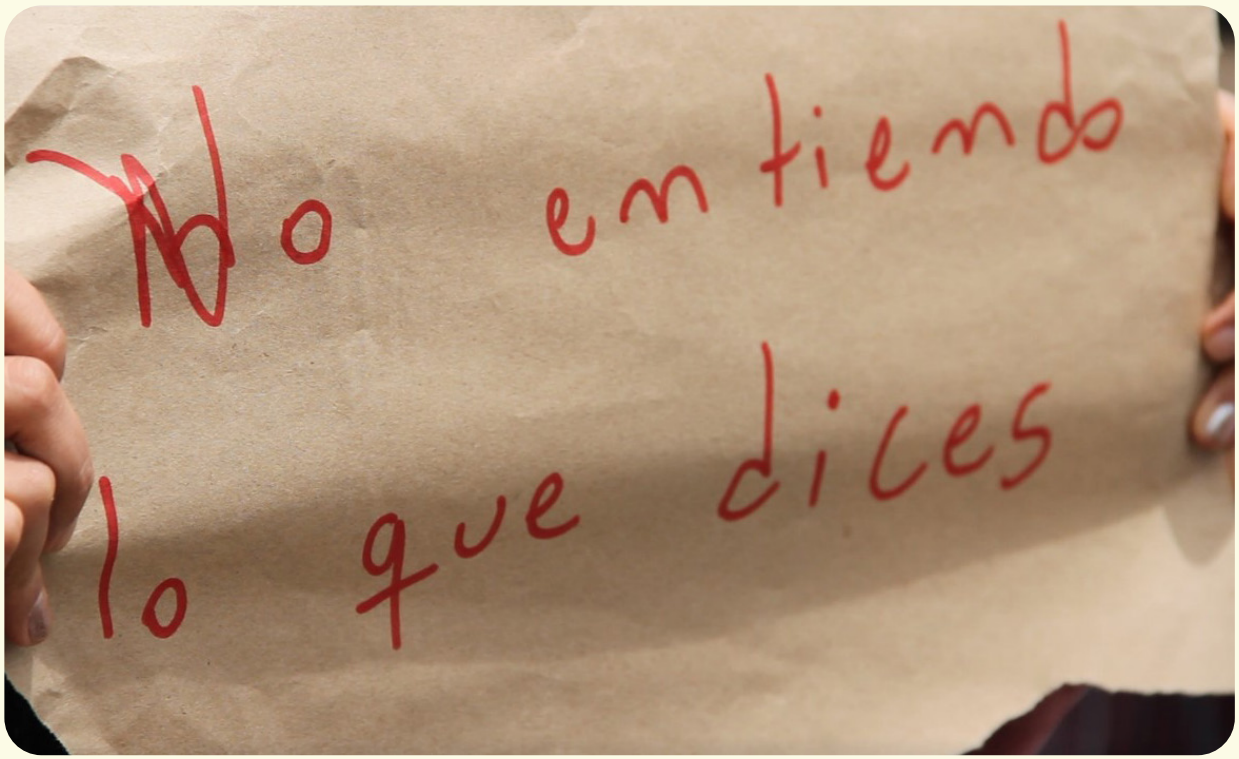
Sant'Anna, D. B. de. (2016). *Gordos, magros e obesos*: uma história do peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade.

Silva, B. L.; Cantisani, J. R. (2018). Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição: um debate necessário. *Demetra – Alimentação, Nutrição e Saúde*, Rio de Janeiro, 13(2). En línea: «https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/33311».

Silva, M. J. da. (2020). O medo de engordar em tempos de COVID-19. *Revista Antropológicas, 03*(a9). En línea: «https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/o-medo-de-engordar-em-tempos-de-covid-19».

Sudo, N.; Luz, M. T. (2007). O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 12(4), pp. 1033-1040, ago. En línea: «https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000400024».

Vieira, T. (2016). O meu corpo é resistência. *Blog Gorda Zen. En línea*: «http://gordaezen.com.br/selfie-empoderada/o-meu-corpo-e-resistencia».



Fotografía del Taller Prácticas del Transitar, *proyecto TransMigrARTS*, UDFJC